

Delfim não crê em reativação já

Da sucursal de
BRASILIA

"Por enquanto, é apenas um ténue sinal. Não é ainda uma tendência. Mas já está ficando evidente que a expansão das exportações, combinada com o crescimento da renda dos agricultores, poderá inverter o sinal negativo da produção industrial: de menos 4% ou 5% poderemos passar, no segundo semestre, a uma situação de crescimento na indústria de uns 4% ou 5% positivos. Só temos pela frente um obstáculo a remover: as taxas de inflação."

A afirmação foi feita ontem pelo ministro do Planejamento, Delfim Netto, a um grupo de dirigentes das Federações do Comércio e da Indústria dos Estados do Rio Grande do Sul, Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, em mais uma reunião da série que vem realizando com os diversos setores empresariais.

Delfim defendeu a necessidade de uma ação positiva das lideranças empresariais para ajudar a convencer a sociedade de que a inflação pode ser contida, e sugeriu o tipo de contribuição que pode ser dado: "Inicialmente, deixando de usar a alta futura de seus produtos como instrumento de promoção de vendas; em segundo lugar, resistindo aos aumentos de seus fornecedores, em terceiro lugar, resistindo às comunidades onde atuam e têm liderança a mensagem de que a inflação também não é impossível de ser vencida".

O ministro reconheceu que, ultimamente, a indústria tem aumentado seus preços em ritmo inferior ao reajuste dos preços agrícolas. "Mas eu não tenho dúvidas de que com a entrada das safras no mercado esta situação vai-se equilibrar", acrescentou.

NEM ELE ACREDITAVA

Ao considerar que é perfeitamente possível reverter a tendência altista da inflação, o ministro mencionou outras metas que pareciam impossíveis de ser alcançadas, mas o foram, e até acima das estimativas, como o superávit comercial de US\$ 6 bilhões no ano passado; a redução do déficit do setor público de 6% do PIB em 1982, para praticamente zero este ano; e a regularização das contas externas, quando o País saiu de um acúmulo de US\$ 3 bilhões de débitos vencidos para uma caixa positiva de US\$ 1,2 bilhão.

"No crucial problema do déficit em contas correntes — disse Delfim — nem eu mesmo acreditava que fosse possível reduzi-lo dos US\$ 14 bilhões de dois anos atrás para os atuais US\$ 5 bilhões", esclarecendo que "a parte mais dura desse ajustamento ocorreu entre 82 e 83". "Mas no momento — ressaltou — começamos a sentir os primeiros sinais de expansão da área industrial, que já se refletem timidamente na área do emprego."